

A ciência a favor do capital: a reestruturação produtiva na indústria argentina sob a ótica do *La Protesta*, 1924-1930

Science in favor of capital: productive restructuring in Argentine industry from the perspective of *La Protesta*, 1924-1930

Fernando Sarti Ferreira*

Resumo: A difusão das novas técnicas de gestão de trabalho, inspiradas pelos preceitos da organização científica do trabalho e possibilitadas pela mecanização da produção, foram uma marca do crescimento industrial na Argentina durante a década de 1920, atingindo os mais diversos ramos de produção, tipos de fábrica e categoria de trabalhadores. Nesse contexto, expressões como *taylorismo*, *sistema taylor*, *fordismo*, *organización científica del trabajo*, *mecanización*, *maquinismo*, mas sobretudo, *racionalización*, passaram a fazer parte de um léxico comum – o chamado “novo evangelho industrialista” – aos mais distintos grupos sociais e que tratou de dar conta das transformações, intencionais ou não, pretendidas ou de fato, que o crescimento industrial do entreguerras permitiu vislumbrar naquele país. Neste trabalho buscamos reconstituir as discussões sobre o processo de reestruturação produtiva entre os militantes anarquistas nucleados no *La Protesta*, além de demonstrar como essas reflexões foram fundamentais para a greve dos trabalhadores da fábrica da General Motors de Buenos Aires em 1929.

Palavras-chave: organização científica do trabalho; greves; movimento operário.

Abstract: The spread of new labor management techniques, inspired by the precepts of the scientific management and made possible by the mechanization of production, were a hallmark of industrial growth in Argentina during the 1920s, reaching the most diverse branches of

* Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Professor substituto no Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador associado do Laboratório de Economia Política e História Econômica da USP (LEPHE-USP) e do Grupo de Estudos de História e Economia Política (GMARX-USP). E-mail: fsartferreira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6571-8492>.

production, types of factories and category of workers. In this context, expressions such as *taylorismo*, *sistema taylor*, *fordismo*, *organización científica del trabajo*, *mecanización*, *maquinismo*, but above all, *racionalización*, became part of a common lexicon - the so-called “new industrialist gospel” - to the most distinct social groups and that tried to account for the transformations, intentional or not, intended or in fact, that the industrial growth of the interwar period allowed the country to glimpse. In this paper we seek to reconstitute the discussions about this process of productive restructuring among the anarchist militants based in *La Protesta*, as well as to demonstrate how these reflections were fundamental to the strike at the General Motors plant in Buenos Aires in 1929.

Keywords: Scientific management of labor; strikes; labor movement.

Uma economia em transformação

A DÉCADA DE 1920 representa um momento único dentro do longo processo de expansão econômico baseado no complexo agroexportador argentino. Além do crescimento industrial ter sido o fator mais dinâmico da economia do país sul-americano no período, este também se caracterizou pela renovação técnica sofrida por algumas indústrias já existentes e o surgimento de novos ramos. Esse processo pode ser comprovado independentemente da escala escolhida para observá-lo, dentro do quadro macroeconômico, setorial, ou mesmo por meio da história individual de algumas empresas. A título de ilustração, basta citar algumas informações.

1. O crescimento do PIB industrial, entre 1921 e 1930, foi de 79%, enquanto de 1911 a 1920, foi de apenas 7%. O volume físico da produção industrial (cálculo realizado ponderando o valor agregado) cresceu 86% contra 7%, nos respectivos períodos. A participação da produção industrial no produto interno bruto aumentou de 15,5%, em 1920, para 18,6%, em 1930, enquanto o setor agropecuário reduzia sua participação de 29,9% para 21,4%. Durante a década de 1920, o volume físico de produção cresceu acima de 40% em todos os ramos analisados pelos estudos da Cepal.¹
2. Sara Caputo de Astelarra² identificou que a demanda argentina por máquinas (agrícolas e industriais) passou de 1,4% da demanda mundial, em 1913, para 3,6%, em 1929. Entre os países que a autora classifica como “semi-industrializados”,³ a Argentina, que absorvia 25,5% do mercado de máquinas em 1913, aumentou

1 CEPAL. **El Desarrollo Económico Argentino**, Santiago de Chile, Cepal, 1958, p. 6-11. GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El Ciclo de la Ilusión y el Desencanto**, Buenos Aires: Ariel, 2005. p. 90.

2 ASTELARRA, Sara Caputo de. La Argentina y la Rivalidad Comercial entre los Estados Unidos e Inglaterra (1899-1929). **Desarrollo Económico**, v. 23, n. 92, p. 596, jan.-mar. 1984.

3 Além da Argentina, encontram-se nesse grupo Austrália, Nova Zelândia, União Sul-Africana, Índia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Turquia e Rússia. *Ibidem*, p. 594.

sua participação para 34,2%, em 1929. Yovanna Pineda, por sua vez, ao analisar a importação de maquinário, sobretudo industrial, da Alemanha, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha para a Argentina, entre 1890 e 1930, observa que, no período de 1919 a 1930, apesar de um crescimento relativo das importações de maquinário para o país ter sido menor do que durante o período de 1890 a 1919, o valor absoluto destas atingiu o maior nível de todo o período. Das 180 milhões de libras gastas na aquisição de máquinas agrícolas e industriais pela Argentina, cerca de 107 milhões foram despendidas entre 1919 e 1930.⁴ A Argentina, entre os anos de 1890 e 1930, foi responsável por absorver de 30 a 50% das máquinas exportadas para a América Latina,⁵ sendo que, entre 1913 e 1925, a participação dos estadunidenses nas importações de maquinário para o país sul-americano passou de 34,7% para 49,2%.⁶

3. A mecanização e modernização da indústria argentina no período pode ser identificada também pela análise do setor elétrico. Em relação à capacidade em cavalos-vapor instalada nas indústrias de Buenos Aires, Adolfo Dorfman, em seu estudo clássico sobre a indústria argentina, apresenta o crescimento da potência dos motores usados pela indústria conectados à rede elétrica da cidade de 1.156 cavalos-vapor em 1899 para 271.717 em 1924.⁷ Alguns trabalhos mais recentes permitiram aprofundar os conhecimentos sobre o processo de eletrificação de Buenos Aires no período. Jorge Liernur e Graciela Silvestri afirmam que a produção de energia elétrica pela Companhia Hispano-Argentina de Electricidad – uma das principais empresas do ramo, ao lado da Companhia Italo-Argentina de Electricidad –, em sua principal usina localizada no bairro da Boca, passou de 124.190 mW para 241.000 mW em 1927. A usina de sua concorrente no mesmo bairro atingiu os 320.000 mW em 1932.⁸ Maria Isabel Bartolomé-Rodríguez e Norma Silvana Lanciotti calcularam um crescimento da produção total de energia elétrica de 311% no país entre 1922 e 1931, sendo de 222% o crescimento *per capita* no mesmo período.⁹
4. Esse processo teve como um dos principais impulsores capitais de origem estadunidenses. Para tanto, esses capitais se utilizaram de três caminhos para entrar na Argentina da década de 1920 e início da década 1930:

4 PINEDA, Yovanna. **Industrial Development in a Frontier Economy: The Industrialization of Argentina, 1890-1930**. Stanford: Stanford University Press, 2009. p. 44-48 e 51.

5 PINEDA, Yovanna. Financing Manufacturing Innovation in Argentina, 1890-1930. **The Business History Review**, v. 83, n. 3, p. 541, outono [Hemisfério Norte], 2009.

6 TAUFNELL, Xavier. Capital Formation in Latin America, 1890-1930, **The Journal of Economic History**, v. 69, n. 4, p. 932, 2009.

7 DORFMAN, Adolfo. **Historia de la Industria Argentina**, Buenos Aires: Hyspamérica, 1986 [1942]. p. 369.

8 LIERNUR, Jorge F.; SILVESTRI, Graciela. El Torbellino de la Electrificación. In: LIERNUR, Jorge F.; SILVESTRI, Graciela. **El Umbral de la Metrópolis**. Transformaciones y Cultura en la Modernización de Buenos Aires (1870-1930). Buenos Aires: Sudamericana, 1993. p. 49-51.

9 BARTOLOMÉ-RODRÍGUEZ, María Isabel; LANCIOTTI, Norma Silvana. La Electrificación en Países de Industrialización Tardía: Argentina y España, 1890-1950. **Revista de Historia Industrial**, n. 59, ano XXI, p. 88, 2015.

- a. O primeiro deles foi a instalação de filiais estadunidenses no país. Essa não foi uma exclusividade das empresas com sede nos EUA, mas com certeza foram os americanos do norte os que mais recorreram a essa forma de investimento direto. Segundo Norma Lanciotti e Andrea Lluch, entre 1913 e 1930, o número total de empresas estrangeiras instaladas na Argentina cresceu de 282 para 548. Das 100 maiores empresas estrangeiras instaladas na Argentina, a participação das indústrias no total dos capitais investidos saltou de 12,5%, em 1913, para 32,1%, em 1930. E das 100 maiores empresas industriais estrangeiras instaladas na Argentina, as estadunidenses viram sua participação saltar de pouco mais de 11%, em 1913, para 31%, em 1930, ano em que a participação dessas empresas foi igual à das indústrias britânicas.¹⁰ Entre essas empresas que se instalaram na Argentina durante o período, destacamos as montadoras de carros (Ford Motors Co., em 1916, e General Motors, em 1925), as fábricas de máquinas e equipamentos elétricos (Standard Electric, em 1919; General Electric, em 1920; Westinghouse Electric, em 1921), as indústrias de alimentos e bebidas (Corn Products e Coca-Cola, em 1928), produtos farmacêuticos e químicos (Park-Davis Co., em 1926, e Colgate-Palmolive, em 1927), de equipamentos eletrônicos (RCA Victor, em 1931, e Philco, em 1931) e petróleo (Standard Oil, em 1922, e The Texas Co., em 1930).¹¹
- b. O segundo caminho foi a associação com empresas argentinas, por meio de contratos de patentes. O número de patentes estrangeiras registradas no país, durante a década de 1920, teve um crescimento exponencial: 826 patentes estrangeiras foram registradas entre 1910 e 1920, e, entre 1920 e 1930, esse número subiu para 8.731.¹² O caso mais emblemático dessa estratégia foi o da Siam Di Tella S.A. Fundada no ano de 1911, a empresa de Torcuato Di Tella iniciou suas atividades produzindo a famosa máquina de amassar pão inventada por seu dono. Em 1923, com o incremento substancial da frota de automóveis no país, Di Tella firmou um contrato de licenciamento com a U.S. Wayne Pump Company para a produção de peças de reposição das bombas de abastecimento de gasolina, produzidas pela companhia estadunidense.¹³ Em 1927, a Sección Industria Amasadoras Mecánicas transformou-se em Sociedad Industrial Americana de Maquinarias e moveu-se do centro de Buenos Aires para uma moderna fábrica em Avellaneda, onde passou a produzir motores e eletrodomésticos sob licença da Westinghouse Electric.¹⁴

10 LANCIOTTI, Norma; LLUCH, Andrea. Las Grandes Empresas Extranjeras en la Argentina: Características y Transformaciones entre 1913 y 1960, **Investigaciones de Historia Económica – Economic History Research**, n. 11, p. 186-192, 2015.

11 RAPOPPORT, Mario. **Historia Económica, Política y Social de la Argentina (1880-2003)**. Buenos Aires: Emecé Editorial, 2010. p. 174-175.

12 VILLANUEVA, Javier. El Origen de la Industrialización Argentina. **Desarrollo Económico**, v. 12, n. 47, p. 467, out.-dez. 1972.

13 ROCCHI, Fernando. **Chimneys in the Desert: Industrialization in Argentina during the Export Boom Years, 1870-1930**. Stanford: Stanford University Press, 2006. p. 102, 122-123.

14 SOMMI, Luis V. **Los Capitales Yanquis en la Argentina**. Buenos Aires: Monteagudo, 1949. p. 182-183.

- c. Por fim, o terceiro caminho por meio do qual os capitais estadunidenses se fizeram presentes durante o processo de crescimento industrial argentino da década de 1920 – e que em diversas situações combinava-se com os dois anteriores – foi pela venda direta de maquinário. Retomando os estudos de Astelarra, o país sul-americano que, em 1913, era responsável pela compra de 6% da oferta total de máquinas estadunidenses no mercado mundial, em 1929, comprava 9,4% das exportações de máquinas daquele país, tornando-se o segundo maior comprador desses bens, atrás apenas do Canadá.¹⁵

Em consonância com essas transformações na composição orgânica do capital industrial argentino durante o período, outras tantas mutações nos processos e relações de trabalho foram percebidas, descritas e denunciadas. Em relação aos donos e gestores de indústrias, a ampliação da produtividade por meio da introdução de máquinas, o aprofundamento da parcialização do trabalho, a difusão do salário por peça e a introdução da esteira transportadora foram novidades anunciadas pelos empresários sob a forma de autoelogio e autopromoção de seus empreendimentos. Em outras palavras, conforme relatado nas reportagens e panegíricos publicados na época sobre algumas fábricas e empresas, as inovações promovidas pela reestruturação produtiva, principalmente por meio da aquisição de maquinário importado, levaram à adoção de processos de trabalho enunciados como racionais, modernos ou diretamente inspirados nos preceitos da chamada “organização científica do trabalho”.

Se havia entusiasmo entre parte dos empresários argentinos, entre os trabalhadores são diversos os indícios de que essas transformações representavam algo bem diferente. A análise dos informes produzidos pelos trabalhadores e delegados sindicais publicados pela imprensa sindical e partidária sugere que a introdução das novas técnicas de gestão, combinadas com a mecanização, foi a grande responsável pelo enfraquecimento da posição estratégica endógena dos trabalhadores no conflito com os patrões durante a década de 1920.

Por sua vez, a reação dos diversos grupos políticos que disputavam a direção do movimento operário argentino no período em relação ao “novo evangelho industrialista” foi muito menos uniforme. Se entre os principais militantes do Partido Socialista, nucleados em torno do jornal *La Vanguardia*, prevaleceu uma perspectiva positiva em relação à racionalização e à organização científica do trabalho, buscando limitar a ação dos sindicatos ao combate dos possíveis abusos que os patrões cometeriam sobre o pretexto de introdução dessas novas formas de organização e gestão do trabalho, entre os anarquistas organizados em torno do *La Protesta*, as tais “novidades” não eram nada mais que a atualização e aprofundamento das técnicas de exploração capitalista.

15 ASTELARRA, op. cit., p. 601.

A ciência a favor do capital: a recepção do “novo evangelho industrialista” entre os anarquistas

O EDITORIAL PUBLICADO em 19 de agosto de 1928 foi um entre muitos do período em que os *protestistas*¹⁶ abordaram as relações entre ciência e capitalismo. Para o diário, a ciência operava naqueles dias como um instrumento de dissolução dos laços comunitários, sendo esse processo um desdobramento do “[...] poderio econômico do capitalismo [que] tem submetido a seu cálculo e a seus ditames todas as demais manifestações da vida social”. O avassalador desenvolvimento industrial, ao submeter ao seu serviço todos os avanços da técnica, levava todas as demais “ciências do saber humano” ao estancamento. Para os editores:

De nada vale que homens de cérebro esclarecido logrem arrancar um segredo a mais desse abismo sempre insondável do conhecimento e da sabedoria, se esse segredo, esse novo avanço, somente será aproveitado pelas forças que trabalham contra a felicidade da humanidade [...]. Em nenhuma parte, senão na sociedade do roubo e do latrocínio, podia dar-se o caso de que o avanço dos meios de produção serviria para duplicar a dor e centuplicar a miséria.¹⁷

Tendo em vista as discussões feitas pela historiografia argentina sobre a prática (ou cultura) política dos anarquistas de Buenos Aires das primeiras décadas do século XX, nada poderia soar mais estranho que as afirmações acima citadas. Segundo os principais trabalhos de referência sobre o período, o enraizamento de concepções e ideias impregnadas pelo evolucionismo e pelo positivismo dentro do movimento operário e das organizações de esquerda daquele país não eram uma exclusividade dos socialistas. Dora Barrancos, em seu estudo sobre as práticas pedagógicas dos anarquistas durante as primeiras décadas do século XX, afirma que, sem desmerecer “[...] o campo autônomo em que se ergueu a cultura alternativa proposta por essas vanguardas”, os anarquistas não deixaram de ser tributários e tributantes de outras correntes de pensamento, muitas vezes alheias ao movimento dos trabalhadores e às organizações de esquerda.¹⁸

Em seu consagrado estudo sobre os anarquistas de Buenos Aires de fins do século XIX e início do XX, Juan Suriano afirma que para os libertários “[...] [a] educação, a ciência,

16 Durante a década de 1920, o movimento libertário argentino esteve dividido em quatro principais vertentes, a saber, os *antorchistas*, uma dissidência radicalizada, que ao longo da década continuou defendendo a todo o custo a organização de uma greve geral insurrecional; os *anarco-bolcheviques*, grupo que acabou aderindo a algumas posições mais próximas ao movimento comunista e que, a partir de meados da década de 1920, fundou a Alianza Libertaria Argentina; os chamados “anarquistas expropriadores”, grupo que ficou conhecido por uma série de ações de propaganda armada durante o período; e, por fim, os *protestistas*, núcleo mais tradicional de militantes vinculados ao diário *La Protesta* e à *Fora*. ANAPIOS, Luciana. El Anarquismo en los Años Veinte. Tres Momentos en el Conflicto entre La Protesta y La Antorcha. *Revista Electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional General San Martín*, Buenos Aires, año 2, n. 3, p. 1-17, jun. 2008. ANAPIOS, Luciana. La Ciudad de las Bombas. El Anarquismo y la “Propaganda por el Hecho” en la Buenos Aires de los Años Veinte. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”*, Buenos Aires, serie 3, n. 39, p. 42-75, 2º sem. 2013.

17 LA MECANIZACIÓN – Un Factor Decisivo en la Descomposición del Régimen. *La Protesta*, Buenos Aires, 19 ago. 1928.

18 BARRANCOS, Dora Beatriz. *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de Principios de Siglo*. Buenos Aires: Contrapunto, 1990. p. 14-15.

o progresso, eram concepções quase universais e conformavam um paradigma dominante aceito, claro que sem incluir a educação estatal”. A defesa do sentido libertador das ciências, e principalmente da sociologia, embasava a ideia de que essas seriam instrumentos fundamentais no combate ao capitalismo e na construção de uma ordem social mais justa.¹⁹ Por exemplo, em relação à política, identificada por esses militantes com sua prática institucional e parlamentar, os anarquistas argentinos a denunciavam como uma encenação teatral, uma “[...] representação artificial de uma comédia inútil e desnecessária, atentatória ao princípio de igualdade existente na ordem natural e da evolução científica”. O anarquismo como sistema social se oporia a essa farsa das classes dominantes, afirmando-se por meio da ciência como uma forma superior de organização. Para os libertários, “[...] a fé na ciência e na razão substituíam a fé revelada e a metafísica da religião”, sendo a organização científica da sociedade sobre as bases racionais a única capaz de alcançar a harmonia e a justiça imperantes na natureza.²⁰

Contudo, se o anarquismo argentino estava prenhe dos mesmos elementos evolucionistas e positivistas que convergiam com muitas das concepções políticas dos socialistas durante as primeiras décadas do século XX, muitas ideias e posições assumidas pelo *La Protesta* durante o período sugerem um importante processo de transformação da perspectiva libertária e de diferenciação entre os dois grupos, principalmente no que diz respeito à influência do cientificismo sobre suas elaborações políticas e teóricas. Nada poderia ter sido mais diferente das loas ao “novo evangelho industrialista” feitas a partir das páginas do *La Vanguardia* do que a contundente e reiterada condenação por parte dos editores do *La Protesta* da racionalização e da mecanização na indústria. A denúncia dos efeitos deletérios sobre os trabalhadores atribuídos à racionalização e à organização científica do trabalho ganhou estatuto de linha política a ser seguida entre os anarquistas organizados em torno do diário *La Protesta*.

A campanha em defesa da jornada de trabalho de seis horas, uma das principais bandeiras dos *protestistas* durante a segunda metade da década de 1920, por exemplo, expressou tanto uma diferença na forma como os anarquistas nucleados no *La Protesta* receberam o “novo evangelho industrialista” quanto uma palavra de ordem em torno da qual os *protestistas* acreditavam que os trabalhadores argentinos poderiam retomar a iniciativa, romper com o ciclo de derrotas e, conseqüentemente, superar as dificuldades em relação à organização sindical que caracterizaram o período.

Para os editores do *La Protesta*, a campanha não respondia apenas às questões materiais imediatas, uma vez que “[...] [a]s máquinas atuais estão em desproporção com o número de braços humanos disponíveis” e “[...] a supressão de homens por máquinas

19 SURIANO, Juan. **Anarquistas**: Cultura y Política Libertaria en Buenos Aires, 1890-1910. Buenos Aires: Manantial, 2008. p. 43-44.

20 SURIANO, Juan. Las Prácticas Políticas del Anarquismo Argentino. **Revista de Indias**, Madrid, v. LVII, n. 210, p. 424, 2007; SURIANO, op. cit., 2008, p. 272.

assumiu proporções alarmantes” disseminando a miséria;²¹ mas também era entendida como forma de combater a passividade e o desalento que grassavam entre os trabalhadores argentinos, resultado direto do desemprego provocado pela racionalização. Ainda segundo os editores, era impossível de um ponto de vista moral depositar as esperanças em um “[...] proletariado deprimido pela fome e pelas privações”, muito menos confiar que “[...] a revolução da liberdade surja do desespero”.²²

Contudo, os *protestistas* alertavam que a redução da jornada só teria algum efeito caso fossem impostos limites ao volume da produção. Em outro artigo publicado em setembro de 1926, dedicado à recém-regulamentada lei que proibia o trabalho noturno nas padarias, essa preocupação ficou mais evidente.²³ Para o *La Protesta*, não havia nada o que comemorar, e os “socialistas estatistas” que celebravam a aprovação da lei o faziam pois viviam imersos em uma enorme contradição: acreditavam que “[...] a evolução dos povos, seu bem-estar e conservação” dependia das “[...] conquistas que realiza o capitalismo no domínio das ciências... aplicadas à exploração do trabalho”. Para esses “socialistas estatistas”, bastaria a aprovação de leis que regulassem e refreassem a exploração capitalista: “[...] garantida pela lei essa aspiração do sindicato de padeiros, não teriam os patrões outro remédio que cumpri-la”. Contudo, os editores alertavam que, muitas vezes, as leis:

[...] ainda quando cumpridas, provocam consequências não previstas pelo legislador e seus benefícios se transformam em prejuízos para os trabalhadores. Essas leis estão em contradição com as causas materiais que pretendem combater [...]. São, em uma palavra, abortos legislativos, que contradizem a técnica do trabalho e a moral dos operários.

A lei em questão era um desses exemplos, uma vez que do ponto de vista técnico seria impossível para todas as padarias de Buenos Aires a adoção do trabalho diurno. Sendo que apenas alguns poucos capitalistas dispunham das condições técnicas necessárias para se adaptarem à nova lei, sua aprovação terminaria por levar à centralização e trustificação da indústria, destruindo as pequenas padarias e aumentando o número de desempregados. Para o jornal, o sindicato dos padeiros deveria se focar na luta pela limitação da quantidade de farinha trabalhada por padeiro, uma vez que o aumento da produtividade nas grandes e mecanizadas padarias anularia qualquer vantagem adquirida pela regulamentação das horas de trabalho, ampliando numa mesma jornada em três ou quatro vezes o volume de farinha elaborado por trabalhador.

Se o Partido Socialista e o *La Vanguardia* evocavam Léon Blum (1872-1950) e Léon Jouhaux (1879-1954) como figuras de destaque – e autoridade – do movimento

21 LA JORNADA de Seis Horas – La Desocupación Aumenta de Día en Día, las Condiciones de Vida y de Trabajo Empeoran y los Trabajadores Permanecen Indiferentes. **La Protesta**, Buenos Aires, 8 set. 1926.

22 POR LA Jornada de Seis Horas – Más Hechos sobre las Características del Moderno Proceso de Producción. **La Protesta**, Buenos Aires, 31 nov. 1927.

23 INDUSTRIALISMO, Técnica y Legislación. **La Protesta**, Buenos Aires, 18 set. 1926.

operário europeu para defender o caráter progressista da racionalização e mecanização, os *protestistas* também buscavam legitimar seus argumentos apoiados em referências do movimento operário do velho continente ao citarem e incorporarem em seus textos muitas das ideias elaboradas sobre o tema pelo anarquista alemão Rudolf Rocker (1873-1958).²⁴ A Rocker era atribuída pelos editores a descoberta de que taylorismo e fordismo nada mais eram que distintas etapas históricas de um mesmo movimento: o esforço dos capitalistas para aumentarem seus lucros.²⁵ O taylorismo era um recurso “mais ou menos engenhoso” para espremer melhor o “suco das energias operárias”, enquanto o fordismo buscava ampliar a produção, mas do ponto de vista do conjunto de um estabelecimento fabril. A racionalização, por fim, era o momento seguinte, quando essas transformações restritas ao chão de fábrica eram transpostas para o conjunto da sociedade. A partir da leitura de Rocker, os editores afirmavam que, se a racionalização era para os capitalistas uma estratégia para ampliar seus lucros, para os operários esta era “[...] um verdadeiro passo em direção ao reforço de sua escravidão, de seu aniquilamento mental”. Da interpretação do significado desse processo, ainda segundo os editores, derivava a demanda libertária pela jornada das seis horas. Por outro lado, os partidos marxistas e socialistas – que durante a guerra aceleraram seu processo de integração à “[...] trajetória econômica e política do capitalismo” – não conseguiam oferecer nada além da “[...] intervenção dos representantes operários para regular e disciplinar em todos os seus aspectos o processo de racionalização”. Se o reformismo já havia se adequado ao capitalismo por admitir o Estado, agora terminava por completo sua integração ao sistema ao corroborar sua política econômica. Em outras palavras, segundo os *protestistas*, os socialistas, após enquadrarem politicamente os trabalhadores dentro da ordem, agora procediam da mesma forma a partir de uma perspectiva econômica.

Apesar de uma recepção muito mais crítica se comparada à dos socialistas em relação aos benefícios supostamente inerentes à mecanização e aos avanços técnicos e organizativos do período, os editores do *La Protesta* se preocuparam em recusar qualquer forma de regressão ou defesa da destruição das máquinas. Contudo, aqui também marcaram posições com importantes diferenças em relação às discussões feitas pelo *La Vanguardia*. Em texto editorial publicado em sua primeira página no último dia de 1927,²⁶ o diário afirmava que “[...] uma transformação econômica tem que ir além da simples

24 Em seu suplemento quinzenal, o *La Protesta* publicou traduções dos seguintes textos de Rocker sobre o tema: ROCKER, Rudolf. La Crisis Económica Actual y sus Causas. **La Protesta – Suplemento Quincenal**, Buenos Aires, p. 452-455, 5 dez. 1927. LO QUE Es la Racionalización y Cómo se Manifestó en Alemania. **La Protesta – Suplemento Quincenal**, Buenos Aires, p. 473-475, 26 dez. 1927. LA RACIONALIZACIÓN en la Industria Alemana del Hierro y del Acero. **La Protesta – Suplemento Quincenal**, Buenos Aires, p. 50-53, 30 jan. 1928. NOS ACERCA la Racionalización al Socialismo. **La Protesta – Suplemento Quincenal**, Buenos Aires, p. 147-148, 15 mar. 1928. LA RACIONALIZACIÓN de los Obreros. **La Protesta – Suplemento Quincenal**, Buenos Aires, 27 maio 1929.

25 LA RACIONALIZACIÓN de la Economía – La Unidad del Reformismo y del Capitalismo – La Actitud de los Anarquistas. **La Protesta**, Buenos Aires, 8 out. 1927.

26 LAS MÁQUINAS y el Capitalismo – La Libertad y el Bienestar del Hombre Necesitan una Garantía en la Transformación Económica. **La Protesta**, Buenos Aires, 31 dez. 1927.

substituição da propriedade privada pela propriedade coletiva; tem que transformar a própria estrutura do processo de produção”. Por mais que a mecanização tivesse favorecido enormemente o capital, “[...] maquinismo e capitalismo são termos independentes” e, portanto, não se tratava de buscar a “[...] supressão das máquinas e o retorno aos primitivos meios de produção e trabalho”. As técnicas modernas, na verdade, viabilizariam o que os editores chamavam de uma “descentralização industrial”, que era considerada como a “[...] base para edificar sobre ela o trabalho livre das agrupações livres de produtores livres”. A centralização em grandes estabelecimentos industriais era resultado do uso capitalista das técnicas modernas, que, por sua vez, era o principal responsável para que o “[...] esforço produtivo e criador fosse recusado pelo homem como uma maldição”. No entanto, era somente por meio das técnicas modernas que poderia se operar a “[...] volta à comunidade que se esforça para bastar-se a si mesma”.

A ciência a favor do capital: uma crítica ao fatalismo do desenvolvimento das forças produtivas

ENTRE AS MAIS diversas crises e processos de mobilização que marcaram a construção da profícua história política do movimento operário argentino, sem dúvida alguma, a onda revolucionária mundial de 1917-1921 foi um dos seus momentos fundamentais. A Federación Obrera Regional Argentina (Fora), cujo diário *La Protesta* esteve umbilicalmente vinculado, assim como outras tantas organizações políticas e sindicais dos trabalhadores argentinos, não ficou imune à turbulência política causada pelos eventos revolucionários do fim da Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, se a partir de 1917, apesar dos mais diversos matizes, existiu uma celebração unânime da Revolução Russa em suas fileiras, a partir de meados de 1919, alguns militantes do campo libertário passaram a discutir e criticar aspectos considerados autoritários e estatizantes do governo bolchevique. Com um importante peso na direção da Fora em um breve período entre os anos de 1919 e de 1921, o grupo de militantes mais aguerridos na defesa do alinhamento da federação com os rumos da Revolução Russa – os chamados *anarcobolcheviques* ou *anarcoditadores* – foi expulso da organização em agosto de 1921.

Segundo Andreas Doeswijk, o giro radical da Fora e do *La Protesta*, orientando-se para o combate e a denúncia da Revolução Russa e promovendo a expulsão dos *anarcobolcheviques*, na verdade, também envolveu uma série de questões específicas ao movimento operário argentino. Para o historiador, o descontentamento que muitos quadros da organização tinham em relação aos *anarcobolcheviques* derivava das articulações que estes faziam pela construção de uma aliança com os sindicalistas revolucionários, mas principalmente pela defesa da organização dos sindicatos por ramo de indústria em detrimento da tradicional organização por ofícios.²⁷ No entanto, a proeminência

27 DOESWIJK, Andreas L. **Entre camaleões e cristalizados**: os anarcobolcheviques rioplatenses. 1998. Tese

que a partir de então passaram a ter dois jovens militantes na elaboração teórica dos anarquistas nucleados na Fora e no *La Protesta* – nos referimos a Emilio López Arango e Diego Abad de Santillán – sugere que a “volta à ortodoxia”, como Doeswijk define esse movimento contra os *anarcobolcheviques* e sua defesa da organização dos sindicatos por indústria, poderia estar prenhe de novidades.

As duas novas figuras de proa da Fora, responsáveis pela “volta à ortodoxia”, viveram o ápice de sua influência sobre a organização e o diário a partir de 1926, quando Santillán retornou a Buenos Aires, após quatro anos vivendo na Alemanha. Entre 1926 e 1930, além de tentar interferir nas discussões e disputas que dominavam o movimento libertário na Argentina do período, Santillán também procurou articular a partir da Fora uma associação latino-americana de organizações anarquistas. Esse intenso trabalho organizativo teve como uma das suas frentes de batalha a tradução e divulgação de um sem-número de textos publicados tanto no diário como no suplemento quinzenal do *La Protesta*.²⁸ Contudo, muitas das ideias que passaram a ser defendidas e divulgadas sistematicamente pelo diário anarquista após a chegada de Santillán à sua direção foram traçadas em linhas gerais em uma brochura assinada pelo editor e por Arango intitulada *El Anarquismo en el Movimiento Obrero*.²⁹ Publicada em 1925 na cidade de Barcelona, a obra, elaborada com o intuito de expor a posição da organização argentina nos debates que permearam o movimento libertário internacional, por ocasião do processo de reconstrução da Associação Internacional dos Trabalhadores,³⁰ foi em seu momento a mais consistente e completa elaboração teórica dos autores sobre os desafios do anarquismo e do movimento operário após a Revolução Russa.³¹ Muitas das ideias desenvolvidas por Arango e Santillán nesse texto ecoaram nos anos seguintes em

(Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1998. p. 57-58, 64-68, 173-176.

28 DE LA ROSA, María Fernanda. La Figura de Abad de Santillán como Nexo entre el Anarquismo Argentino, Europeo y Latinoamericano, 1920-1930. *Iberoamericana*, año 12, n. 48, p. 34-36, dez. 2012.

29 ARANGO, Emilio L.; SANTILLÁN Diego A. de. *El Anarquismo en el Movimiento Obrero*. Buenos Aires: Libertad, 2014 [1925].

30 A Associação Internacional dos Trabalhadores, também conhecida como a Internacional Anarquista, surgiu após um congresso que reuniu sindicalistas de todas as orientações políticas em Berlim nos fins de dezembro de 1922. A organização reivindicava o legado da chamada Primeira Internacional (1864-1877). Sua constituição ocorreu após as tentativas dos sindicatos oficiais da Rússia soviética e dos militantes comunistas das mais diversas organizações europeias de submeter o congresso de Berlim às diretrizes da Internacional Sindical Vermelha (Profintern). Sua criação foi encabeçada por grupos anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários que optaram pela ruptura com os sindicatos de orientação pró-soviética. O *bureau* político da nova organização foi formado por Rudolf Rocker (Freie Arbeiter Union Deutschlands), Armando Borghi (Unione Sindicale Italiana), Ángel Pestaña (Confederación Nacional del Trabajo) e o anarcossindicalista russo, Alexander Schapiro. A Fora teve um importante papel na organização internacional ao longo daquela década, sendo representada até 1926 por Diego Abad de Santillán. DAMIER, Vadim V. *Anarcho-syndicalism in the 20th Century*. Edmonton: Black Cat Press, 2009. p. 75-86.

31 Arango foi assassinado quando tinha 35 anos, em 1929, como resultado da enorme radicalização que as disputas entre as diversas frações do movimento libertário argentino viveram naquele período. Santillán, por sua vez, seguiu sua militância no campo libertário na Espanha republicana, produzindo uma importante obra teórica. Entre seus trabalhos teóricos, devemos destacar seus artigos publicados nos semanários e revistas da Federación Anarquista Ibérica: SANTILLÁN, Diego Abad de. *El Anarquismo y la Revolución en España: Escritos 1930/38*. Madri: Ayuso, 1976; e sua proposta de organização de uma economia socializada escrito em 1936: SANTILLÁN, Diego Abad de. *Organismo econômico da revolução: a autogestão na Revolução Espanhola*, trad. Maurício Tragtenberg. São Paulo: Brasiliense, 1980.

diversos artigos e editoriais publicados no *La Protesta*, muitos dos quais nos utilizamos na seção anterior.

Entre os diversos temas abordados pelos militantes em suas páginas, a denúncia do evolucionismo, mas principalmente a elaboração de uma crítica à neutralidade do desenvolvimento econômico e tecnológico, são temas transversais a todo o texto. No capítulo dedicado à discussão sobre as diferenças entre os anarquistas e os sindicalistas revolucionários, por exemplo, Arango e Santillán afirmavam que estes – assim como os marxistas e socialistas –, ao defenderem a organização dos sindicatos por ramo de indústria, incorriam em uma mesma espécie de “fatalismo econômico”, pois atribuíam ao “[...] desenvolvimento industrial das nações e à prevalência cada vez mais absorvente do capitalismo a tarefa de criar nos povos e nos indivíduos as atitudes necessárias para preparar e realizar a revolução”.³² O avanço do sistema industrial, movimento entendido como determinante para criar as condições necessárias para a revolução, não havia promovido nenhum tipo de avanço moral entre os trabalhadores, portanto não havia sentido em transpô-lo para suas organizações.³³ Se os sindicatos por indústria não contribuíram para a elevação da consciência revolucionária dos trabalhadores, muito menos poderiam fazer para a construção de uma nova ordem social. Arango e Santillán não acreditavam “[...] que os organismos operários devam seguir o processo de desenvolvimento industrial copiando as formas exteriores do capitalismo e buscando na estrutura econômica da sociedade contemporânea os elementos construtivos da futura organização dos povos”.³⁴ Por essa propensão “[...] a ver nos fenômenos do processo industrial do capitalismo a equivalência do progresso da humanidade”, o movimento operário não fazia mais nada além de se adaptar à estrutura econômica da sociedade burguesa.³⁵

Em outro capítulo, intitulado “As Organizações Operárias Atuais e a Vida Social e Econômica Futura”, Arango e Santillán voltam novamente à discussão sobre o papel dos sindicatos no processo de construção da nova sociedade, mas principalmente sobre o “fatalismo econômico” que dominava muitas das organizações que atuavam dentro do movimento operário. Em relação aos sindicatos, os militantes afiançaram que a Fora “[...] rechaça a legislação prévia do porvir, não prestigia um modo de organização futura e afirma que é impossível prever que formas adotarão no futuro as organizações econômicas e sociais da vida livre”. Muito mais importante que a discussão sobre a utilidade das organizações atuais na construção da nova ordem seria que estas trabalhassem para a construção das condições subjetivas da nova sociedade, ou seja, a construção do sujeito importava muito mais que as organizações, “[...] porque a liberdade não se cria legislativamente por um aparato político ou econômico”.³⁶

32 ARANGO; SANTILLÁN, op. cit., 2014 [1925], p. 28.

33 Ibidem, p. 33.

34 Ibidem, p. 35.

35 Ibidem, p. 38.

36 Ibidem, p. 57-58. Algumas páginas adiante, Arango e Santillán afirmam que “[...] nosso conceito de revolução

A maturação do desenvolvimento das forças produtivas como condição fundamental para a revolução, nas palavras de Arango e Santillán, a “culminação de um ciclo histórico”, implicava que “[...] [a]o aceitar explicitamente, como fazem os marxistas dos diversos grupos políticos e sindicais, que o triunfo da revolução e do comunismo não são possíveis em países econômica e industrialmente atrasados, se justifica de fato o fatalismo na evolução da humanidade”. O “fatalismo econômico” transformava o operário de sujeito em espectador, questão especialmente cara para os movimentos revolucionários nos países pouco desenvolvidos. Para Arango e Santillán:

Se é necessário estabelecer previamente as condições econômicas que permitam uma transformação do regime social, que valor têm as revoluções em países onde o capitalismo não tenha chegado a esse suposto ciclo histórico? E se a evolução e o progresso dos povos dependem em absoluto da trajetória que segue o capitalismo, que valor podem ter as ideias de liberdade e justiça para homens que, por exemplo, vivam em um sistema político-econômico que esteja muito longe do ponto culminante assinalado por Marx?³⁷

O “fatalismo econômico” atribuído aos marxistas não poderia ter outra consequência que uma ditadura política em nome do proletariado. Não era à toa que os bolcheviques, para além do estrangulamento político da revolução, buscavam justificar ora os seus fracassos, ora os seus “crimes”, “[...] alegando que o proletariado russo não está tecnicamente preparado para tomar por sua conta a direção da máquina econômica”.³⁸

Tanto no texto de 1925 como nos diversos artigos publicados ao longo do período estudado, pudemos observar que a crítica feita a partir das páginas do *La Protesta* à racionalização e à organização científica do trabalho representaram uma posição diametralmente oposta à perspectiva evolucionista dos socialistas. Apesar da “volta à ortodoxia” ainda ecoar em alguns momentos entre os *protestistas*,³⁹ o posicionamento do *La Protesta* sob direção de Arango e Santillán extrapolou em muito uma defesa retrógrada e romântica da organização de sindicatos por ofícios.⁴⁰ Ao contrário, as críticas à racionalização e à organização científica do trabalho estiveram permeadas de denúncias contra uma visão evolucionista, teleológica e determinista do capitalismo que

não é a de uma expedição garibaldina ou a de um combate nas ruas – mesmo que seja suscetível que estes ocorram; nosso conceito de revolução é a ideia de liberdade e de justiça social que se estende mais e mais, que penetra nas consciências dos servos voluntários e carcome as bases da exploração e da dominação dos indivíduos. Se esse trabalho de propaganda pressupõe atos paralelos e secundários que se desenvolvam no terreno da força bruta, nós o aceitamos; porém não tomamos o acessório pelo acidental. A luta contra a reação policial não é a finalidade da revolução, mesmo que seja uma consequência inevitável da luta pela finalidade da revolução”. Ibidem, p. 61.

37 Ibidem, p. 58.

38 Ibidem, p. 59.

39 Ver, por exemplo: ORGANIZACIÓN Técnica y Socialismo. **La Protesta**, Buenos Aires, 12 jul. 1928; ou mesmo um texto publicado por Arango antes da publicação da brochura escrita com Santillán: ARANGO, Emilio. *La Manía Innovadora*. In: LÓPEZ, Antonio (org.). **La FORA en el Movimiento Obrero**. Buenos Aires: Tupac, 1998. p. 207-209.

40 Sobre essa interpretação acerca das posições assumidas pela Fora no período, além do trabalho de Doeswijk, ver também: TRUJILLO, Fernando L. **Vidas en Rojo y Negro**. Una Historia del Anarquismo en la Década Infame. La Plata: Letra Libre, 2005. p. 27-33.

permeava as organizações sindicais e os partidos de esquerda do período, apontando para um afastamento radical das posições positivistas e cientificistas características do campo libertário argentino das primeiras décadas do século XX. A fé na inevitabilidade do progresso técnico, expressas nas loas à organização científica do trabalho, à mecanização e à racionalização eram denunciadas como ilusões domesticadoras e que teriam como resultado retirar dos trabalhadores qualquer ímpeto de transformação. A ênfase na construção do sujeito revolucionário em detrimento das organizações, segundo os *protestistas*, seria o antídoto contra essas ilusões.

Construindo sujeitos: a greve de 1929 na General Motors

SE EXISTE ALGUM ramo da indústria em que a “organização científica do trabalho” associada à mecanização chegou ao paroxismo, este foi, sem nenhuma dúvida, a montagem de automóveis. As montadoras de automóveis chegaram à Argentina ainda na década de 1910, mas viveram seu ápice durante a década de 1920. As modernas fábricas montadoras não diferiam muito de suas congêneres nos EUA e na Europa, a não ser pela esmagadora predominância de peças importadas utilizadas no processo de montagem. No entanto, essa etapa do processo não era nada desprezível. Naquela época, 25% do valor dos veículos advinha da montagem.⁴¹

Se, do ponto de vista dos gerentes, administradores e empresários, trabalhar nas montadoras de carros significava trabalhar nas mais modernas e avançadas instalações manufatureiras da época, para parte de seus trabalhadores a situação era bem diferente. Os novos processos de trabalho repunham em patamares inauditos uma série de velhos problemas. Segundo alguns relatos publicados pela imprensa operária argentina durante a década de 1920, os trabalhadores dessas fábricas viviam um cotidiano permeado por jornadas extenuantes, o autoritarismo dos chefes e capatazes, a intermitência do trabalho ao longo do ano e uma enorme apatia e desorganização entre suas fileiras. As dificuldades de organização sindical, por sua vez, pareciam intransponíveis.⁴²

As dificuldades em relação à organização dos trabalhadores das fábricas montadoras de automóveis aparentemente foram superadas no começo de 1929. No dia 25 de janeiro

41 PHELPS, Maynard D. **Migration of Industry to South America**. Nova York; Londres: McGraw-Hill, 1936. p. 18-19.

42 Ver os seguintes relatos publicados na imprensa operária argentina do período: EN LA ‘Ford’. **La Protesta**, Buenos Aires, 3 jan. 1925; 7 jan. 1925; 26 fev. 1925; 10 mar. 1925; 10 abr. 1925; 15 abr. 1925; 26 ago. 1925. EN LA ‘Ford’. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 28 nov. 1925; 8 dez. 1925. EN LOS Talleres de la Ford y Compañía General de Motores. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 30 dez. 1925. EN LA Casa ‘Ford’. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 15 out. 1926. EN LA Casa ‘Ford’ – La Semana de Cinco Días de Trabajo. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 14 jan. 1927. SINDICATO Obrero de la Industria Metalúrgica – Diversas Informaciones – En la Casa Ford, Sección Buenos Aires, se Implantará la Semana de Cinco Días. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 15 jan. 1927. COMO SE ‘Exprime’ al Obrero en los Talleres de la General Motors y de la Ford – La Necesidad de Sancionar el Proyecto Socialista Sobre las 8 Horas. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 9 set. 1928. INFORME Metalúrgicos Unidos – Una Sucinta Reseña de la Explotación Inicua y del Estado Inquisitorial en Mantienen al Personal Obrero en esta Factoría Yankee. **La Protesta**, Buenos Aires, 2 mar. 1929. DENUNCIAN los Obreros en Huelga que en la Compañía General Motors Rigen Detestables Condiciones de Trabajo. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 3 mar. 1929.

daquele ano, o diário *La Protesta* publicou as reivindicações entregues por um grupo de trabalhadores da General Motors para os administradores da fábrica. Os trabalhadores exigiam: aumento de salários (pagamento mínimo por hora trabalhada de p\$m 0,85 e, após três meses trabalhando na fábrica, de p\$m 1,00), regulamentação da jornada de trabalho (fixação das horas de entrada e saída, assim como um limite de duas horas extras por dia), a readmissão de todos os demitidos por tentarem se organizar e a obrigatoriedade da sindicalização de todos os trabalhadores da fábrica.⁴³ No dia seguinte, a recusa em atender às reivindicações levou à declaração de greve e à imediata reação da empresa: já nas primeiras horas do conflito, um oficial de polícia da 32ª delegacia prendeu oito grevistas que estavam na porta da fábrica.⁴⁴ Em nota publicada nas edições do dia 27 de janeiro do *La Vanguardia* e do *La Protesta*, o Comitê de Greve denunciava a “[...] forma inumana como se realizam os trabalhos nessa casa”. Além das jornadas de mais de 12 horas de trabalho, dos baixos salários e do constante assédio por parte dos capatazes, qualquer suspeita de organização por parte dos trabalhadores já servia de justificativa para sua demissão.⁴⁵

Na semana seguinte, o *La Protesta* publicou uma nota do Comitê de Greve afirmando que a gerência havia aceitado atender às reivindicações e que o movimento caminhava para seu fim. Entretanto, ao voltarem ao trabalho no dia 9 de fevereiro, os capatazes da linha de montagem do modelo Buick anunciaram a suspensão de metade do pessoal até o fim do mês, colocando em suas listas todos os operários da linha que haviam participado da greve. Em uma nova assembleia realizada no dia 11, com a presença de mais de 500 trabalhadores e oradores falando em alemão, russo, húngaro, armênio, lituano e tcheco, os trabalhadores se declararam novamente em greve. Ainda segundo a nota, muitos dos que não tinham participado do primeiro movimento também acabaram aderindo à greve.⁴⁶ O novo conflito durou mais de dez meses, sendo encerrado no dia 5 de dezembro daquele ano com a vitória dos grevistas.

A longa mobilização foi dirigida por trabalhadores ligados aos Metalúrgicos Unidos (MU) e à Unión Chauffeurs (UC), dois sindicatos filiados à Fora, com o apoio fundamental do *La Protesta*. O diário foi o principal veículo de divulgação do conflito, abrindo uma seção exclusiva em suas colunas para cobrir a greve ao longo de todo o ano de 1929. Além disso, sua redação também serviu de espaço para a articulação do movimento e de intermediação com os dirigentes da General Motors. Tendo em vista a enorme atenção dedicada pelos *protestistas* aos efeitos da mecanização e da implementação da organização científica do trabalho ao longo da década de 1920, não é de se estranhar que eles estivessem

43 METALÚRGICOS U. – Pliego de Condiciones, **La Protesta**, Buenos Aires, 25 jan. 1929.

44 METALÚRGICOS U. **La Protesta**, Buenos Aires, 26 jan. 1929.

45 METALÚRGICOS U. – Nuestro Conflicto con la General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 27 jan. 1929. LA HUELGA en los Talleres de la General Motors – Razones que Asisten a los Obreros que la Sostienen. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 27 jan. 1929.

46 HUELGA en la General Motors – Fue Motivada por la Maldad de la Empresa. **La Protesta**, Buenos Aires, 12 fev. 1929.

organizando os trabalhadores da indústria onde essas transformações haviam atingido o paroxismo. A nova “ortodoxia” dos anarquistas mostrava mais uma vez que estava prenhe de novidades. Assim, as colunas publicadas pelo *La Protesta* constituem-se na mais importante fonte de informações sobre o conflito, sendo responsáveis por registrar as denúncias sobre as péssimas condições de trabalho naquela fábrica, a constante intervenção da polícia, os atos públicos realizados pela cidade e as ações de sabotagem contra a empresa e de solidariedade aos grevistas.

A repressão policial esteve presente desde as primeiras horas do movimento. Em um primeiro momento, a ação dos policiais esteve centrada nos arredores da fábrica, pretendendo afastar os grevistas e impedindo que eles abordassem os *crumiros* contratados pela empresa.⁴⁷ Em um segundo momento, a polícia estendeu seu raio de ação, efetuando prisões e detenções, algumas vezes massivas e que geralmente duravam de três a quatro dias, em assembleias, atos e conferências sobre o conflito, independentemente de onde estivessem sendo realizados.⁴⁸ Dirigentes sindicais e membros do Comitê de Greve também chegaram a ser presos ao longo do processo de mobilização,⁴⁹ assim como alguns grevistas que já tinham se desvinculado do movimento e arrumado outros empregos.⁵⁰

O diário anarquista apresentou diversos números sobre o total de presos ao longo de toda a greve. Em agosto, uma circular do MU estimou 700 pessoas.⁵¹ No mês seguinte, em uma nota sem assinatura publicada pelo *La Protesta*, o número caiu para 500.⁵² Não conseguindo encontrar outra fonte com a qual pudéssemos contrapor esses números, consideramos mais provável que o número mais próximo do real de trabalhadores presos durante o conflito tenha sido de 456, estimativa divulgada em um extenso informe publicado no *La Protesta*, após o anúncio da vitória dos trabalhadores.⁵³ Ainda segundo o informe, nesse número estavam inclusos alguns grevistas que foram presos mais de uma vez.

Em relação às conferências e manifestações públicas, o mesmo informe afirma que foram realizados mais de 100 atos durante os dez meses de conflito. Essas manifestações já vinham ocorrendo desde o início do movimento, mas a partir de abril elas ganharam uma maior regularidade.⁵⁴ Em nosso levantamento, identificamos 59 convocações para

47 CRUMIROS Agresivos – La General Motors, Creando una Situación Violenta. **La Protesta**, Buenos Aires, 10 mar. 1929.

48 METALÚRGICOS U. **La Protesta**, Buenos Aires, 11 ago. 1929. LAS CONFERENCIAS de Huelguistas de la General Motors – Atropellos Policiales. **La Protesta**, Buenos Aires, 20 nov. 1929.

49 Em abril, o secretário-geral da UC foi preso. LA HUELGA en General Motors – Prosigue Firme – Represión Policial – Varios Detenidos. **La Protesta**, Buenos Aires, 16 abr. 1929. Já os membros do Comitê de Greve foram presos na última semana de junho e na primeira de julho. METALÚRGICOS U. – La Huelga en General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 23 jun. 1929. LA HUELGA en la General Motors – Las Detenciones en Masa de los Huelguistas y Militantes de los Gremios Adheridos. **La Protesta**, Buenos Aires, 6 jul. 1929.

50 DETENCIÓN Injusta del Obrero Juan Scaglione. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 24 mar. 1929. LA HUELGA en la General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 27 mar. 1929.

51 METALÚRGICOS U. **La Protesta**, Buenos Aires, 11 ago. 1929.

52 LA HUELGA en la General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 5 set. 1929.

53 UNA Victoria Magnífica de la Organización – La General Motors Es Obligada a Capitular Después de Diez Meses de Lucha Intensa y Brava. **La Protesta**, Buenos Aires, 10 dez. 1929.

54 METALÚRGICOS U. **La Protesta**, Buenos Aires, 13 abr. 1929.

manifestações públicas publicadas entre abril e novembro de 1929, além de uma lista com 36 atos realizados entre março e maio, publicada na edição do dia 14 de maio do *La Protesta*.⁵⁵

Na *Memoria del Ministerio del Interior* do ano de 1929, o capítulo dedicado às atividades da polícia da Capital Federal durante aquele ano não faz qualquer menção específica às prisões ou aos atos públicos relacionados à greve. Por outro lado, deve-se destacar que, nessa publicação anual, as greves, quando citadas, eram aquelas de caráter geral e com grande repercussão. Que a greve na General Motors tenha sido especificamente citada na edição dedicada ao ano de 1929 é algo digno de nota, ainda mais por ter ocupado um espaço semelhante ao consagrado às intensas mobilizações em solidariedade a Sacco e Vanzetti, ocorridas no ano de 1927. Para a polícia da Capital Federal, o destaque que a greve mereceu em seu informe decorria da “[...] forma com que se produziu, com a troca total do pessoal sindicalizado por gente livre”. Sem maiores explicações, essa ação da empresa, segundo o informe da polícia, havia desencadeado uma série de incêndios e ataques com líquidos corrosivos aos carros da General Motors nas ruas de Buenos Aires.⁵⁶

Os atos de sabotagem, assim como a maratona de conferências e manifestações públicas realizadas nas ruas de Buenos Aires, ou seja, o deslocamento do centro das manifestações e conflitos para fora da fábrica, foi a forma que o Comitê de Greve encontrou para contrabalancear a contratação de fura-greves, a volta ao trabalho ou o abandono do movimento por muitos trabalhadores após os primeiros meses de greve. Segundo Diego Abad de Santillán em suas memórias, “[...] os militantes responsáveis [pela direção do movimento] consideraram que se não se utilizassem de outros procedimentos de luta para além da paralisação das atividades, o conflito poderia ser considerado perdido”. A combinação de paralisação, boicote e sabotagem, articulada por um pequeno núcleo de trabalhadores da fábrica, militantes da Fora, teria sido uma marca original desse movimento.⁵⁷

Segundo as pequenas crônicas publicadas pelo DNT, teriam aderido à greve 250 operários.⁵⁸ Os relatos na imprensa operária sobre o número de trabalhadores envolvidos sempre se referiam a 1.300 operários paralisados, porém, como afirmaram o próprio diário anarquista e seu editor em suas memórias, ao longo desses dez meses, muitos trabalhadores voltaram a trabalhar na fábrica, alguns encontraram outros empregos, assim como outros tantos *crumiros* foram contratados pela empresa. Em uma nota publicada no dia 6 de julho, a Federación Obrera Local, entidade filiada à Fora, afirmava que mais da metade dos grevistas, mesmo encontrando emprego em outras casas, continuou

55 Para a lista, ver: EL CONFLICTO en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 14 maio 1929.

56 *Memoria del Ministerio del Interior Presentada al Honorable Congreso de la Nación*, 1929-1930, Buenos Aires: Imp. y Encuad. de la Policía de la Capital, 1930. p. 286.

57 SANTILLÁN, Diego Abad de. *Memorias, 1897-1936*. Barcelona: Planeta, 1977. p. 121.

58 *Crónica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo (CMDNT)*, n. 138, 1929, p. 2903.

participando da mobilização.⁵⁹ Em relação ao uso de fura-greves, a presença de *crumiros* foi denunciada desde os primeiros momentos:⁶⁰ eram acusados, como de praxe, de serem incapazes de colocar o estabelecimento para funcionar plenamente.⁶¹ Em agosto, o *La Protesta* afirmou que a fábrica, que podia ocupar entre 1.600 e 1.800 operários em tempos normais, operava naquele momento com apenas 200, 250 trabalhadores.⁶² Ou seja, se a fábrica apenas em alguns momentos encontrou-se totalmente paralisada, é bem provável que ela não tenha conseguido recuperar seu funcionamento normal ou esperado. O deslocamento do centro do conflito da fábrica para as ruas foi total depois do mês de agosto, momento em que a última notícia relativa aos problemas enfrentados pela empresa com fura-greves no chão de fábrica foi publicada.

Os chamados de boicote e a incitação à sabotagem foram divulgados por meio de panfletos distribuídos nas ruas e cartazes espalhados pelos muros da cidade, cujos textos eram reproduzidos nas páginas do *La Protesta*. No dia 15 de março, por exemplo, um manifesto do MU afirmava que “[...] os trabalhadores não devem esquecer que aqueles que dirigem esses carros [modelos produzidos pela General Motors] devem receber o que merecem”.⁶³ Dez dias depois, um manifesto assinado pelo MU e pela UC sentenciava que “todo automóvel das marcas da General Motors que sair em circulação é um inimigo dos trabalhadores e como tal iremos tratá-lo”.⁶⁴ Na primeira semana de abril, em outra nota conjunta, o recado era mais direto: “Não esqueça que seu carro anda na rua e tem milhares de inimigos que podem constantemente colocar em perigo seu capital”.⁶⁵

Há uma importante discrepância entre as informações que obtivemos sobre a extensão desses atos. Santillán afirma que foram queimados mais de 600 veículos.⁶⁶ A memória da polícia da Capital Federal daquele ano, por sua vez, apesar do destaque dado aos ataques aos carros da General Motors, registrou 247 incêndios em carros e ônibus, atribuindo alguma intencionalidade a apenas 20 destes.⁶⁷ É difícil simplesmente contrapor o suposto exagero militante de Santillán à insuspeita subnotificação policial.

Por fim, ainda segundo o *La Protesta*, a solidariedade de outros sindicatos teve importantíssimo papel no conflito, principalmente a dos taxistas e estivadores da capital e dos portos do interior e do litoral. Em relação aos taxistas de Buenos Aires, estes

59 LA HUELGA en la General Motors – Las Detenciones de los Huelguistas y Militantes de los Gremios Adheridos a la F.O. Local – Un Comunicado. *La Protesta*, Buenos Aires, 6 jul. 1929.

60 METALÚRGICOS U. *La Protesta*, Buenos Aires, 23 fev. 1929; METALÚRGICOS U. – La Lucha Contra la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 fev. 1929.

61 LA HUELGA en la General Motors – Prosigue sin Variantes. *La Protesta*, Buenos Aires, 14 mar. 1929. LA HUELGA en General Motors – A un Mes y Medio de su Iniciación no Decae el Movimiento. *La Protesta*, Buenos Aires, 2 abr. 1929.

62 LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 29 ago. 1929.

63 S. R. METALÚRGICOS Unidos. *La Protesta*, Buenos Aires, 15 mar. 1929.

64 U. CHAFFEURS y Metalúrgicos U. – Al Gremio del Volante. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 mar. 1929.

65 U. CHAFFEURS y Metalúrgicos U. – Al Público en General y a los Compradores de Automóviles y Chauffeurs en Particular. *La Protesta*, Buenos Aires, 3 abr. 1929.

66 SANTILLÁN, op. cit., 1977, p. 124.

67 *Memoria del Ministerio del Interior Presentada al Honorable Congreso de la Nación, 1929-1930*, Buenos Aires: Imp. y Encuad. de la Policía de la Capital, 1930. p. 277.

paralisaram suas atividades nos dias 19 de março e 11 de setembro em solidariedade aos grevistas da General Motors. Além da imprensa operária, as duas paralisações também foram registradas pelo DNT. Em março, segundo o departamento, a paralisação teve adesão de dez mil taxistas. Em setembro, foram contabilizados sete mil taxistas paralisados.⁶⁸ Já sobre a ação dos estivadores, foram publicados pelo *La Protesta* relatos de carregamentos de carros e caminhões da General Motors que eram devolvidos no porto de Buenos Aires ou que tinham problemas para serem desembarcados nos portos de destino em decorrência do movimento de solidariedade. No dia 31 de março, por exemplo, o Comitê de Greve informava que os estivadores nos portos de Zárate, Quequen e Necochea, na província de Buenos Aires, e em Rosário, se recusavam a descarregar produtos da General Motors.⁶⁹ Em abril, foram relatadas ações de boicote novamente no porto de Rosário, mas também em Bahía Blanca⁷⁰ e em Mar del Plata,⁷¹ as duas últimas cidades localizadas na região sul da província de Buenos Aires.

Em meados de agosto, após atribuladas negociações em que muitas vezes capatazes e policiais intervieram em assembleias e reuniões se passando por emissários da empresa,⁷² a General Motors voltou a sondar os sindicatos para tentar colocar um ponto final no conflito.⁷³ No fim de novembro, segundo nos informa Santillán em suas memórias, Alberto M. de Tonny, um importante executivo da empresa, que naquele momento era diretor da General Motors no Brasil, procurou os dirigentes da Fora para propor uma solução para o conflito.⁷⁴

Ao fim das negociações, o acordo assinado pelos secretários do MU e da UC com o diretor da empresa na Argentina George Wolf representou uma estrondosa vitória para os trabalhadores da fábrica. Em primeiro lugar, os grevistas conseguiram sua reincorporação. Segundo o acordo, todos os *crumiros* seriam demitidos e os grevistas registrados pelo sindicato, que tivessem sido desligados da empresa, seriam convocados em assembleias diárias realizadas até o dia 5 de dezembro na sede do sindicato. Os trabalhadores que se apresentassem até o prazo seriam imediatamente reincorporados e voltariam às oficinas da empresa no dia seguinte. Os outros grevistas registrados pela organização, mas que não se apresentassem até aquele dia, entrariam em uma fila de espera e teriam prioridade

68 **CMDNT**, n. 138, 1929, p. 2904. **CMDNT**, n. 144, p. 3080 e 3083. Ver também: SE MANTIENEN Estrechamente Unidos los Obreros de la General Motors – El Paro Solidario de los Choferes Alcanzó la Mayor Intensidad. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 20 mar. 1929. LOS CHOFERES de Taxímetros Hicieron Efectivo Ayer un Paro General. **La Vanguardia**, Buenos Aires, 11 set. 1929.

69 LA HUELGA en la General Motors – Los Huelguistas se Mantienen Firmes – La Solidaridad de los Gremios Portuarios. **La Protesta**, Buenos Aires, 31 mar. 1929.

70 LA HUELGA en la General Motors – Mientras la Empresa Persiste en su Actitud de Silencio e Intransigencia, la Acción y la Solidaridad del Proletariado la Bloquea. **La Protesta**, Buenos Aires, 6 abr. 1929.

71 O Comitê de Greve afirma ter recebido um telegrama informando que o vapor *Vaquillona* não conseguiu desembarcar os carros e caminhões da General Motors no porto da cidade. METALÚRGICO U. – Estado de la Huelga en la General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 18 abr. 1929.

72 Sobre a tentativa de intermediação feita por alguns empregados da empresa, ver: METALÚRGICOS Unidos – Una Manobra de la Empresa. **La Protesta**, Buenos Aires, 29 mar. 1929. Com relação às tentativas da polícia, ver: METALÚRGICOS U. – Huelga en la General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 11 jul. 1929.

73 LA HUELGA en la General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 4 ago. 1929. UNIÓN Chauffeurs y Metalúrgicos Unidos – Sobre una Nueva Treta de la General Motors. **La Protesta**, Buenos Aires, 11 ago. 1929.

74 SANTILLÁN, op. cit., 1977, p. 124.

para serem recontratados conforme fossem surgindo novas vagas. Em segundo lugar, foi estabelecido um mecanismo para combater a intermitência dos trabalhos decorrente das variações na demanda ao longo do ano. Em caso de diminuição da produção, a empresa se comprometia a reduzir as horas de trabalho por dia e os dias de trabalho por semana, em vez de suspender os trabalhadores. Já em relação aos salários, os aumentos exigidos foram atendidos, assim como o pagamento de 50% sobre as horas extras e a equiparação do salário mínimo pago por hora entre homens e mulheres. Por fim, o ponto mais polêmico do acordo dizia respeito ao pagamento de uma indenização no valor de cinco mil dólares para a Fora, exigidos a fim de cobrir os gastos efetuados pela organização ao longo dos dez meses de conflito.⁷⁵

Sebastian Marotta, militante vinculado aos sindicalistas revolucionários, e Martín Casaretto, membro do Partido Socialista, ambos responsáveis por importantes registros sobre a história do movimento operário argentino, ao mencionarem o conflito em seus livros, chamaram a atenção exclusivamente para o pagamento da indenização à Fora. Casaretto sugere que a soma de dinheiro foi muito maior e que o restante teria sido pago a um jornalista vinculado a um diário de grande circulação, por sua atuação como mediador entre as partes.⁷⁶ Em sua crítica à Fora, o socialista ironizava não só o fato de a organização revolucionária ter aceitado dinheiro de uma empresa estadunidense, mas também o fato de o acordo ter sido costurado por uma figura alheia ao movimento operário. Apesar de Casaretto afirmar que se não fosse a denúncia do *La Vanguardia* o pagamento teria ficado em segredo, a verdade é que a primeira nota publicada no dia 11 de dezembro sobre o tema no diário socialista citava como fonte de informação justamente o extenso informe sobre o fim da greve publicado pelo *La Protesta* no dia anterior.⁷⁷ Segundo o próprio informe, os cinco mil dólares foram distribuídos entre o Comitê Pró-presos – uma organização da Fora que auxiliava seus militantes encarcerados –, os sindicatos envolvidos no conflito, a caixa de auxílio a Errico Malatesta – nesse momento preso político na Itália fascista – e a gráfica do *La Protesta*.⁷⁸

Considerações finais

A ESPECIAL ATENÇÃO e as críticas feitas pela Fora e pelos *protestistas* às transformações que vinham se operando na indústria do período colocaram a organização dos trabalhadores dessas fábricas, onde tais inovações tinham atingido o paroxismo, como uma tarefa fundamental para aqueles militantes. A tática adotada pela Fora, deslocando o conflito da

75 UNA VICTORIA Magnífica de la Organización – La General Motors Es Obligada a Capitular Después de Diez Meses de Lucha Intensa y Brava. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 dez. 1929.

76 CASARETTO, Martín S. *Historia del Movimiento Obrero Argentino*, t. 2, 1947, p. 165. EL ARREGLE del Conflicto de la G. Motors – Versiones Sobre Mediaciones Extrañas en los Gremios. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 12 dez. 1929.

77 EL ARREGLO del Conflicto de la G. Motors – La Empresa Pagó 5.000 Dólares en Concepto de Indemnización. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 11 dez. 1929.

78 SANTILLÁN, op. cit., 1977, p. 125.

produção para a rua, combinando paralisação com boicotes, atos de solidariedade de outras categorias, sabotagens e uma intensa campanha de agitação visando à desmoralização da empresa, no entanto, teve um sucesso extremamente limitado, sendo impossível de ser replicada alguns meses depois na fábrica da Ford, momento em que o país já sentia os reflexos do *crash* de outubro de 1929.

A tática para enfrentar essa nova fábrica, em que a desqualificação e intermitência do trabalho obliteravam a fórmula “braços cruzados, máquinas paradas”, exigia uma conjuntura econômica favorável, momento no qual o ciclo de negócios joga a favor dos trabalhadores. Em outras palavras, durante a fase ascendente do ciclo econômico e a consequente redução do exército de reserva, as condições existentes no mercado de trabalho se transformam e propiciam um ambiente favorável para a mobilização. Por um lado, para os trabalhadores, há maior segurança para esse tipo de ação, uma vez que a etapa ascendente permite não apenas que ele possa encontrar outro emprego em caso de derrota, como também – e isso era extremamente importante para os trabalhadores argentinos do período – sustentar sua participação no movimento realizando outros trabalhos. Por sua vez, para os patrões, há uma maior dificuldade de encontrar trabalhadores que possam substituir os grevistas, além do receio da paralisação de suas atividades em um contexto de crescentes lucros.

Em meio à crise, por sua vez, a insegurança se dissemina entre os trabalhadores, assim como a necessidade de ajustes da taxa de lucro à nova situação inclina os patrões à redução da produção e dos custos com o trabalho. Ou seja, a conjuntura econômica mais adversa exerce sua força centrífuga sobre os laços de solidariedade – não só dentro das fábricas, como também entre diferentes categorias.

Apesar dessa excessiva exposição às flutuações econômicas que a tática adotada pela Fora contra as montadoras apresentava, sem dúvida alguma, ela colocou os trabalhadores argentinos na vanguarda das lutas contra o sistema fabril taylorista-fordista. Externalizando o conflito, a Fora buscou à sua maneira a melhor forma de penetrar nos chamados “feudos”⁷⁹ estadunidenses. Uma espécie de ensaio anterior a uma outra tática para combater o desafio taylorista-fordista e utilizada com maior sucesso pelos trabalhadores metalúrgicos de Paris, em 1936, e da General Motors de Flint, em 1937: a ocupação de fábricas.⁸⁰

Recebido em: 24/04/2023

Aprovado em: 23/05/2023

79 LA HUELGA en el Feudo General Motors – Los Huelguistas Prosiguen la Lucha con Entusiasmo. **La Protesta**, Buenos Aires, 28 fev. 1929

80 Sobre a relação desses dois movimentos com o desafio imposto pelas novas formas de organização do trabalho nas fábricas surgidas a partir da década de 1920 e inspiradas nos preceitos da “organização científica do trabalho”, ver TORIGAN, Michael. The Occupation of the Factories: Paris 1936, Flint 1937. **Comparative Studies in Society and History**, n. 41 (02), 1999.